

MACROECONOMIA E CONJUNTURA

A Rainha Vermelha e a Crise Internacional

Mario Cimoli*

Gabriel Porcile**

RESUMO – Este artigo discute pontos pouco lembrados na conjuntura atual, como a perda de capacidades tecnológicas e de capital humano, comuns em períodos de crise. Esses fatores levam a uma queda na produtividade da economia, o que tende a ocasionar queda do produto no longo prazo. Além disso, tornam mais difícil a retomada da atividade econômica aos níveis que antecederam a crise.

Palavras- chave: Crise internacional. Produtividade. América Latina.

Estamos acostumados a pensar numa crise internacional em termos de variáveis agregadas: queda do produto, do emprego, das exportações, e aumento da taxa de câmbio. As grandes crises financeiras têm efeitos sistêmicos que se alastram pelo conjunto da economia, e a que estamos vivendo não é diferente. Mas há um custo escondido que poucas vezes é mencionado, e que se verifica em nível micro: a destruição de capacidades tecnológicas e de capital humano. As crises são momentos em que muitos projetos de investimento, de aprendizado e de inovação são abandonados e trajetórias cumulativas de aprendizado se interrompem. Capacidades tecnológicas que estavam sendo construídas perdem rentabilidade e se esquecem; instituições que possibilitavam avanços em diversas áreas da ciência, da tecnologia e da educação param de funcionar por falta de recursos. Tudo isso faz com que um semestre ou um ano recessivos possam ter conseqüências de mais longo prazo. A perda de produto não se limita à flutuação de curto prazo, mas pode gerar uma perda mais substancial na forma de menor crescimento futuro. (CIMOLI e PORCILE. 2008)

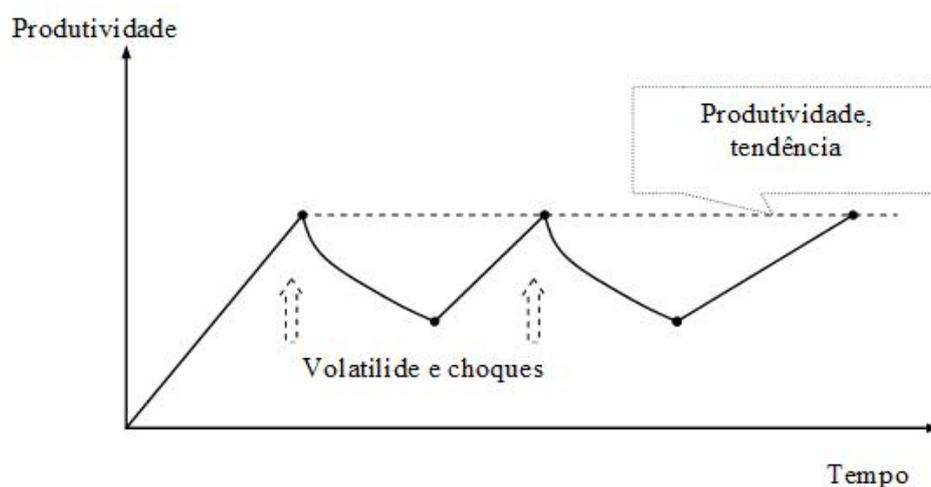
Com efeito, imagine-se uma economia que esta seguindo uma trajetória de crescimento da produtividade num certo contexto de preços e de expectativa da demanda. Para tornar o exemplo mais concreto, imagine-se que se trata de um contexto muito favorável, com melhora dos termos de troca e rápida expansão da economia mundial. Quando essa economia sofre um choque externo e os preços relativos mudam, as firmas que

* Doutor em Economia pela Universidade de Sussex. Atualmente é Professor Associado do Departamento de Economia da Universidade de Veneza e oficial da Divisão de Desenvolvimento Produtivo da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL). Endereço eletrônico: mcimoli@unive.it.

** Doutor em História Econômica pela London School of Economics. Atualmente é Professor Associado do Departamento de Economia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Endereço eletrônico: porcile@ufpr.br.

a compõem terão que redefinir seus processos produtivos. Durante esse período de redefinição e readaptação, os aumentos de produtividade deverão diminuir, na medida em que se consolidam os novos métodos de produção. A economia retoma então seu caminho inicial. Mas se sofre um novo golpe exógeno, terá que se readaptar novamente, com nova desaceleração dos aumentos da produtividade. Essa é a trajetória representada no gráfico 1, em que sucessivos choques externos reduzem a taxa de aumento da produtividade. Olhando o conjunto do período, a produtividade aparece estagnada, mas tal estagnação reflete em grande medida a *volatilidade* de preços e das condições externas.

GRÁFICO 1 – PRODUTIVIDADE E CAPACIDADES TECNOLÓGICAS



FONTE: Cimoli e Porcile (2008)

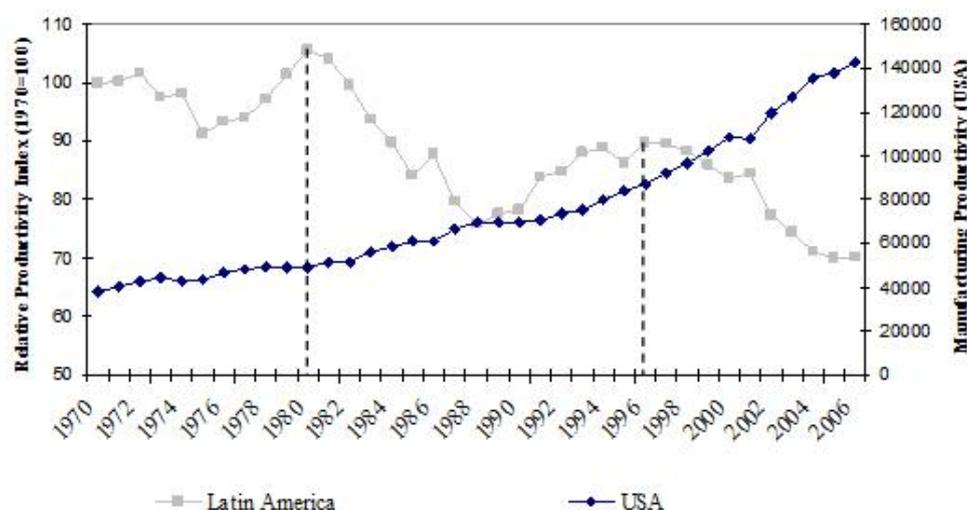
Além da volatilidade, há ainda outro fator que deve ser levado em conta, a interação entre estrutura produtiva e aprendizado. Se durante a fase áurea a readaptação levou a uma especialização crescente em commodities de baixo conteúdo tecnológico, quando chegar a recessão a economia terá perdido capacidades tecnológicas chaves, necessárias para reduzir a vulnerabilidade frente a novos choques. Da mesma forma, se a crise é prolongada e se perdem capacidades tecnológicas que são complementares, e que estimulam e reforçam o aprendizado em distintos setores, sua ausência colocará em xeque, ou pelo menos limitará a intensidade da recuperação nos bons momentos. Por exemplo, se durante a crise argentina de 2002 um engenheiro de Buenos Aires vira pizzaiolo em Puerto Madryn, provavelmente não estará disponível para trabalhar na indústria alguns anos depois.

Todos esses fatores apontam na direção de um ponto essencial. Estamos acostumados a ouvir falar de rigidezes reais em macroeconomia. Elas fazem com que os ajustamentos ocorram via produto e não via preços. Mas essas rigidezes naturalmente têm base em rigidezes micro, em nível de firmas e setores. As estruturas produtivas reagem

lentamente e há externalidades que não permitem uma adaptação imediata e sem custo. O setor real não é menos sistêmico que o setor financeiro (como há anos fora destacado pela literatura sobre Sistemas Nacionais de Inovação, ver NELSON, 1993), e ao mesmo tempo existem irreversibilidades e fenômenos de histerese que prolongam os impactos do curto prazo. A fronteira tecnológica continua andando, e os esforços internos de aprendizado não são suficientes para evitar que se perca terreno na concorrência global. Trata-se do fenômeno conhecido como *Red Queen effect*: “it takes all the running you can do, to keep in the same place” (“corre o máximo que puder para ficar no mesmo lugar”) -- de acordo com uma frase da Rainha Vermelha em *Alice no País das Maravilhas*.

O gráfico 2 mostra a produtividade relativa da América Latina em comparação com a dos Estados Unidos. Enquanto a produtividade dos Estados Unidos continua crescendo de forma sustentada, a posição da região é de atraso crescente. A maldição da Rainha Vermelha não é válida apenas do outro lado do espelho. Essa é uma mensagem importante para a política econômica.

GRÁFICO 2 – ÍNDICE DA PRODUTIVIDADE RELATIVA DA AMÉRICA LATINA E EVOLUÇÃO DA PRODUTIVIDADE NORTE-AMERICANA – 1970- 2006



FONTE: Cimoli e Porcile (2008)

REFERÊNCIAS

CIMOLI, M.; PORCILE, G. **Volatility and crisis in catching-up economies: industrial path-through under the stickiness of technological capabilities and “The Red Queen Effect”**. In: DEVELOPMENT ECONOMICS CONFERENCE – MARKET’S AS MEANS OR MASTER? “NEW-DEVELOPMENTALISM” VS. NEOLIBERALISM, 2008, South

Hadley, Estados Unidos. Resumo disponível em: < <http://www.mtholyoke.edu/courses/jchristi/conference/abstracts.shtml>>. Acesso em 16/12/2008.

NELSON, R. (Ed.) **National innovation systems**. Oxford: Oxford University Press, 1993.